



## **Visão Sociológica do Espiritismo Kardecista:**

### **Tolerâncias e intolerâncias em ambientes de práticas do espiritismo kardecista**

Sebastião Antunes Ribeiro Filho

2º Semestre/2014

Tolerâncias e intolerâncias acontecem em qualquer âmbito do convívio social, principalmente no religioso. O que se propõe é verificar se ocorrem situações de intolerância ou de tolerância religiosa em ambientes de prática religiosa do espiritismo kardecista. Preliminarmente buscaremos definir o que seja tolerância ou intolerância em sentido lato, restringindo-se, entretanto, ao sentido que procurou se efetivar no âmbito das Ciências Sociais. Assim feito, passaremos a explicitar o que é o espiritismo kardecista, como chega ao Brasil, como se instala, o surgimento dos primeiros locais de cultos, a sua disseminação e a sua relevância atual no seio da sociedade brasileira. Conceitos estabelecidos, tentaremos verificar a possibilidade de ocorrências de tolerâncias ou de intolerâncias nos âmbitos de suas práticas religiosas.

#### **Introdução**

A intolerância e a tolerância são condutas e situações individuais ou coletivas que fazem parte da atividade social. Seja de etnia, sexual, classe, condição econômica, cultural, regional ou religiosa, inúmeras situações de intolerância são registradas e noticiadas pelos meios de comunicação, ou testemunhadas pessoalmente pelos indivíduos da e na sociedade. A intolerância religiosa é bastante comum no cotidiano brasileiro, muito provavelmente pela diversidade religiosa existente no país. Mas pode ser possível que casos de convivência religiosa harmoniosa entre fiéis de diferentes correntes também possam existir e essas situações não sejam veiculadas pela mídia escrita, falada e televisada. Ou seja, podem existir, ainda que não divulgadas, situações de tolerância religiosa. Antes de iniciarmos a exposição de argumentos e fatos, exporemos alguns conceitos e definições que permitirão visualizar um diagrama que delimitará o campo de atuação e um entendimento do que se pretende buscar.



---

A etimologia da palavra “tolerância”, [do Latim *tolerantia*], em detrimento de outras significações que não se adequam ao objeto de nosso estudo e, segundo o Dicionário Aurélio, é uma *qualidade* de quem é tolerante, ou ainda, o ato ou efeito de tolerar. O dicionário apresenta tolerância como *qualidade* e isso já é um bom início. Mas o sentido de tolerância vem mais bem delineado como “tendência a admitir modos de pensar, de agir e de sentir que diferem dos de um indivíduo ou de grupos determinados, políticos ou religiosos” (FERREIRA,1986). Se a etimologia da palavra nos dá essa acepção, que em princípio já nos atende nas nossas necessidades de entendimento, fica, entretanto, superficial ou incompleta se não for acrescida do que a ela é conferido pelos clássicos das Ciências Sociais.

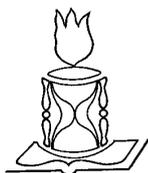
Contrariamente ao senso popular, os gregos, muito religiosos e com muitos deuses (politéístas) entendiam como saudável a ideia dos epicuristas negarem a Providência e a existência da alma. O julgamento de Sócrates, relatado por Platão<sup>1</sup>, foi considerado um fato social de exceção, pois que a acusação de perverter a juventude e adorar outros deuses foram fatores de somenos importância diante de um partido furioso composto por sofistas, oradores e poetas, a quem ele atacou, numa conduta aparentemente indigna de um homem considerado o mais sábio dos homens pelo oráculo. Em sua acusação, estavam um sacerdote e um conselheiro dos Quinhentos. De seu lado ficaram 220 filósofos. Mas, após a sua morte, os atenienses perceberam o erro incorrido e se voltaram contra seus acusadores. “Melito, o principal autor da sentença foi condenado à morte por essa injustiça” (VOLTAIRE, 200 p. 37) e os outros foram banidos. Posteriormente, Atenas tenta se redimir erigindo um templo em homenagem a Sócrates.

José Sérgio Carvalho, em palestra proferida na FEUSP, afirma que “a noção de tolerância, inicialmente vinculada ao plano da tolerância religiosa, constituiu a base em torno da qual se edificaram os ideais do pensamento liberal moderno.” E citando Karl Popper, acrescenta “... mais tarde – sobretudo nos séculos XVII e XVIII – vieram outros fundamentos ideológicos para justificar a perseguição, a crueldade e o terror: nacionalidade, raça, ortodoxias políticas, outras religiões”. (CARVALHO, s/data)

Reginaldo Prandi cita Paulo Barreto, que assinava como João do Rio, e a sua publicação *As Religiões do Rio*, uma coletânea de artigos publicados acerca das religiões praticadas na então capital federal (1904), como uma obra identificada como “um repositório

---

<sup>1</sup> Voltaire acreditava que a Apologia de Sócrates havia realmente sido relatada aos juízes.



---

de preconceito e intolerância contra as crenças que surgiram em um Brasil em que o catolicismo reinava como religião oficial e era a única tolerada” (2012, p. 47). Prandi cita trechos do livro onde é explícita a intolerância do autor contra – neste caso – o espiritismo, como: “O Brasil, pela junção de uma raça de sonhadores como os portugueses com a fantasia dos negros e o pavor indiano do invisível, está fatalmente à beira dos abismos onde se entrevê o além.” (p. 48); ou “Os que não praticam a parte moral aceitam a parte fenomenal. É ao chegar a essa esfera que se começa a temer a frase do católico: ‘O espiritismo é um abismo encantador; fogue ou de lá nunca mais sairá’” (PRANDI, 2012, p. 49)

A obra organizada por Vagner Silva, *Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro* traz nas “orelhas” da capa frontal, importantes observações de Rita Amaral (1858-2011) acerca da intolerância:

A história da humanidade é, também, a história da sua inabilidade para conviver com outro, com o diferente. Os preconceitos que geram a intolerância nutrem-se de alimentos abundantes como o desconhecimento, o desrespeito e a indiferença. A intolerância religiosa, por sua vez, está entre as formas de preconceito mais violentas, pois fere o homem no seu aspecto moral mais profundo ao rejeitar sua concepção ontológica, gerando reações muitas vezes imprevisíveis. Nestes casos, as religiões podem deixar de ser “caminhos para os céus” para se tornarem em verdadeiros “atalhos para o inferno”, ao se proporem o monopólio da “verdade” ou da noção de deus. (SILVA, 2007, orelha)

Nesta obra, Silva elenca vários artigos que transitam sobre a intolerância religiosa, que se antes eram episódios isolados e de pouca repercussão, hoje ganham a esfera da visibilidade pública, deixando o âmbito das esferas restritas às relações cotidianas. Notícias nas diversas formas de mídia dão conta não só dessas transgressões éticas, como também das reações a estes casos, se “antes apenas um esboço isolado e tímido de algumas vítimas, agora se faz em termos de processos criminais levados adiante por pessoas físicas ou instituições públicas, como ONGS e até mesmo a Promotoria Pública.” (SILVA, 2007, p. 10)

Na mesma obra, Ricardo Mariano, pós-doutor em Sociologia da Religião pela USP (2011), conceitua intolerância e tolerância com riqueza de detalhes em seu artigo “*Pentecostais em ação: A Demonização dos Cultos Afro-brasileiros*”. Mariano, afirma que Norberto Bobbio, em *A Era dos Direitos*, “assevera que o significado histórico predominante da noção de intolerância se refere ao problema da convivência entre confissões religiosas diversas, controvérsia suscitada pela ruptura do cristianismo católico com as cismas



protestantes” (SILVA, p.120). Afirma ainda o autor que, de acordo com Jürgen Habermas em artigo da Folha de São Paulo de 5/01/2003, no Caderno Mais, intitulado “*Teoria da Adaptação*”, “as leis sobre a liberdade religiosa e a tolerância recíproca entre os diferentes grupos religiosos são consideradas precursoras da democracia moderna” (Idem). Prossegue Mariano, citando Ítalo Mereu (2000) que a intolerância reside na certeza da posse da verdade absoluta e na obrigação de impor essa verdade a todos, ainda que pela força, numa expressão da vontade popular ou divina.

Se ser tolerante [do Latim *tolerante*] é ser uma pessoa que tolera, que desculpa, que é indulgente e benigna e ainda, que admite e respeita opiniões contrárias a sua, então podemos partir da perspectiva que a intolerância é a falta desses atributos e qualidades ou ainda, a sua insuficiência em qualquer escala. Embora pareça exaustivo, nem de longe se esgotaram as argumentações acerca do entendimento do que seja tolerância ou intolerância. Centenas de outros importantes autores já dedicaram muito tempo e tinta a este instigante assunto. Mas talvez seja possível acreditar que o exposto possa ser suficiente para a apreensão do conteúdo almejado por esse trabalho.

Concordes com a exposição até este ponto, podemos então passar para a fase seguinte de nossa proposta e, como já associamos o termo à religião, teremos o objeto que iremos desenvolver: tolerância ou intolerância religiosa. Mas, conforme direcionado na introdução, a existência dessa intolerância ou tolerância religiosa será verificada, nos ambientes de práticas do espiritismo kardecista. Então se faz necessário saber se o espiritismo kardecista é ou pode ser considerado uma religião e, para isso, é necessário saber como e onde ele surge, como se instala e como se legitima. É o nosso próximo passo.

### **O que é o espiritismo**

O “espiritismo”, enquanto termo e doutrina, nasce na França em meados do século XIX, como uma filosofia espiritualista. Preconiza 1) a existência de Deus como inteligência suprema, ser eterno e criador; 2) crença na imortalidade dos espíritos e os entende como almas dos homens que já viveram na Terra e na possibilidade de sua comunicabilidade com os homens; 3) a teoria das reencarnações sucessivas (a volta do espírito em outros corpos, diferentemente da “ressurreição” dos católicos) para a evolução do espírito imortal em sua



---

ascensão moral, numa pluralidade de existências e, 4) a possibilidade de vidas em outros planetas – pluralidade dos mundos habitados.

Seu organizador foi um pedagogo nascido em Lyon, cujos estudos foram concluídos no renomado Instituto Pestalozzi, em Yverdon, na Suíça. Nascido Hippolyte LéonDenizardRivail em 1804, filho de advogado e jurista, optou por seguir outra profissão que não a de seus pais. Editou vários livros dedicados ao ensino infantil e indicados para o ensino das mães aos filhos, sendo nisso, partidário de Rousseau, que orientava “a primeira educação é a que importa; e essa primeira educação compete incontestavelmente às mulheres” (Apud WANTUIL, 1969, p.20). Dava ainda aulas de química, matemática, física, astronomia, fisiologia, retórica, anatomia comparada e língua francesa. Foi homenageado pela AcadémieRoyaledesSciences d’Arras.

ReginaldoPrandi (2012) nos aclara que o episódio embrião do surgimento do espiritismo ocorreu com as irmãs Fox na pequena cidade de Hydesville<sup>2</sup>, nos Estados Unidos, (PRANDI, 2012, p. 21). Dali, o movimento se desloca para a Europa e, Célia Graça Arribas (2010) assim descreve o seu surgimento “espectros rondavam a Europa e dessa vez não era o espectro do comunismo. Mesas giravam e barulhos estranhos eram ouvidos por pessoas que se reuniam em sessões de entretenimento justamente para ver o espetáculo” (ARRIBAS, 2010, p.27). Era o fenômeno das mesas girantes – *table volante* ou *tabletournante*.

Algumas pessoas se reuniam em torno de mesas comuns e, apoiando as mãos sobre estas, dirigiam perguntas a esses móveis que, por meio de movimentos e de batidas convencionais (batidas pré-definidas, tipo “sim” uma batida e “não” duas batidas) respondiam às questões realizadas. Essas mesas foram substituídas pela “cesta escrevente” – uma cesta suspensa por um fio à qual era amarrado um lápis que tocava um papel, e que se movia, escrevendo neste papel, ao ser impressionada pelo espírito comunicante. ZéusWantuil informa que “em 1856, a 30 de Abril, em casa do Sr. Roustan, a médium Japhet, utilizando-se da “cesta”, transmitiu a Rivail a primeira revelação positiva da missão que teria de desempenhar...” (WANTUIL, 1969, P.36). Outras práticas foram desenvolvidas para essas comunicações, como o tabuleiro Ouija<sup>3</sup>. Karl Marx (1818-1883), que se mantinha distante de

---

<sup>2</sup> HYDESVILLE, vilarejo próximo da cidade de Rochester, condado de Wayne, no Estado de Nova Iorque, EUA.

<sup>3</sup> Tábua ou prancheta onde são colocadas letras em ordem alfabética e números de 0 a 9, além das palavras “sim” e “não”, desenvolvido para a comunicação com os espíritos. No Brasil, também é utilizado para essa finalidade, na conhecida “brincadeira do copo”.



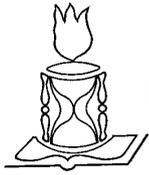
---

tais crenças, menciona, ainda que de passagem e em nota de rodapé, estar ciente da ocorrência desses fenômenos. Em *O Capital* (1867), Livro I, Seção I, Capítulo I – *A mercadoria*, ítem 4 – *O caráter fetichista da mercadoria e seu segredo*, cita: “Após as revoluções de 1848, a Europa entrou num período de reação política. Enquanto nos círculos aristocráticos e burgueses europeus surgiu um entusiasmo pelo espiritismo, por práticas com o ‘tabuleiro Ouija’...” (MARX, 2013, p. 146, rodapé).

Rivail foi convidado a presenciar esse evento social diferenciado que à época ocorria em diversos ambientes da sociedade francesa. Ele não era um crédulo e esteve por várias vezes tentado a abandonar as investigações, porque “não era positivamente um entusiasta das manifestações espíritas” (WANTUIL, p.37). Entretanto, sua verve cientista se impôs e entregou-se ao “árduo trabalho de compilar, separar, comparar, condensar e coordenar as comunicações espíritas recebidas” (WANTUIL, 1969, p. 38) e estabeleceu um método positivista: o método empírico – observar, analisar e inferir. Com o decorrer do tempo recebeu concurso de mais de uma dezena de médiuns sob a assistência dos espíritos superiores, direta ou indiretamente, que contribuíram para que ele desenvolvesse, completasse, e remodelasse aqui e ali, o seu trabalho. (Idem, p. 38) Em uma dessas sessões, um espírito que se manifestou, disse a Rivail que em uma vida anterior, fora um celta de nome Allan Kardec. Percebendo que essa pesquisa se distanciava de seu mundo acadêmico e profissional, adotou esse pseudônimo, que viria a ser conhecido – reverenciado ou odiado – em quase todo o globo. (Idem, p.39)

Foi assim que em 18 de abril de 1857, sai do prelo a primeira edição de “*O Livro dos Espíritos*”, que continha 501 questões formuladas por Kardec e 501 respostas ditadas pelos espíritos. (WANTUIL, 1969 p. 39) Claro que em muitas delas Kardec acrescentou, em tipologia diferente, algumas observações de seu próprio cunho. No frontispício desse livro, ele afirma: Doutrina Espiritualista. Acabava de nascer o espiritismo, ou como Kardec afirmava: a doutrina dos espíritos.

Data do aparecimento d’«**O Livro dos Espíritos**» - sentenciou a **Revue Spirite** de 1869 – a fundação do espiritismo que, até então, só contava com elementos esparsos, sem coordenação, e cujo alcance nem toda gente pudera compreender. A partir daquele momento, a doutrina prendeu a atenção de homens sérios e tomou rápido desenvolvimento. Em poucos anos, aquelas ideias conquistaram numerosos aderentes em todas as



---

camadassociais e em todos os países. (WANTUIL, 1969, p. 39-40)  
Destques do original.

Esse livro é reeditado em 1860, revisto e ampliado para 1019 questões, sendo essa a sua última e atual versão. Sequenciando esse livro surgem outros quatro que iriam formar o pentateucokardeciano: *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno*, ou *A Justiça Divina Segundo o Espiritismo* (1865) e, *A Gênese* (1868). De certa forma, a base dessa filosofia espiritualista está em *O Livro dos Espíritos*, sendo os demais livros, um acervo complementar e explicativo a esta obra primeira.

Allan Kardec fazia questão de responder pessoalmente a todas as cartas que recebia. A correspondência avolumou-se de tal forma que ele decidiu criar uma revista onde divulgaria as questões e dúvidas surgidas a respeito do espiritismo, economizando tempo, pois muitas dúvidas eram comuns. Assim sendo nasce a Revista Espírita (*Revue Spirite*), publicação mensal realizada durante 12 anos, entre 1857 e 1869. Outros opúsculos menores também vieram a lume, como o livreto “*O que é o Espiritismo?* Kardec falece em 31/10/1969 tendo ainda algumas obras publicadas após o seu falecimento. Um olhar distanciado mostra uma doutrina engajada, orientada e estruturada, ao menos em uma primeira visão e de maneira panorâmica. As obras citadas estruturam essa doutrina e fixam os seus pressupostos.

A reencarnação, um dos pilares do espiritismo, sustenta que cada vida terrena é um estágio transitório onde o espírito aprende e evolui. Neste estágio o espírito está em um corpo de carne e por isso chamado de ‘encarnado’. A sucessão de existências é chamada de reencarnações de um espírito e como a evolução é considerada uma lei divina, a cada encarnação, o espírito evolui sempre, seja intelectual ou moralmente, embora esta última tenha maior importância que a outra. Ainda que essa filosofia reencarnacionista esteja presente na filosofia hindu, dela se distingue pelo evoluir constante: nesta o espírito sempre receberá um corpo melhor que a encarnação anterior, enquanto que na hindu, existe a possibilidade de o espírito voltar como um animal, qualquer que seja este. Da filosofia hindu também se assemelha a filosofia do *karma*, que no espiritismo kardecista recebe a denominação de Lei de Ação e Reação, ou Lei de Causa e Efeito. Toda causa gera um efeito e todo e todo efeito tem uma causa. De certa forma, pode-se entender como a terceira lei da física de Newton que prescreve que “a toda ação corresponde uma reação de mesma intensidade em sentido contrário”. (Kardec, 1857; 1861, 1864, 1865 e 1868). Claro que essa



---

exposição está muitosintetizada e, de forma – como falamos – panorâmica. Um olhar mais aproximado, como o sugerido por Guilherme Magnani<sup>4</sup>, “de perto e de dentro”, irá por certo desdobrar e ampliar essa perspectiva.

### **O Espiritismo no Brasil**

Salvador, então capital do Brasil onde, segundo Ubiratan Machado, “o grande contingente de população negra tinha disseminado em todos os gostos pelas soluções mágicas” (Apud *in* AUBRÉE, 2009, P. 139), foi o berço do espiritismo, ao ver realizar-se a primeira sessão espírita nos moldes kardecistas, em 17 de setembro de 1865<sup>5</sup>, sob orientação de Luís Olímpio Teles de Menezes, ex-militar e jornalista, que funda, a partir desse evento, o – como tal (re)conhecido – primeiro centro espírita do Brasil, o Grupo Familiar do Espiritismo. Teles de Menezes desempenharia importante papel nessa fase pioneira do espiritismo em terras brasileiras.

Marion Aubrécita que “é provável que numerosos intelectuais da Corte, que deveriam também ter lido *O Livro dos Espíritos* em francês percebiam o que ele continha de subversivo à religião católica, a qual continuava a ser, até então, oficial e hegemônica no império” (AUBRÉE, 2009, p. 139). Esses intelectuais mantinham suas tendências em segredo, o que levou o deputado liberal Saldanha Marinho, maçom e simpatizante do espiritismo, a afirmar: “Tais homens, falsos católicos, indiferentes, deístas ou ateus, não eram capazes de modificar a situação vigente, o *modus vivendi* em que se arrastavam as relações entre o catolicismo e o Império” (Apud História Geral da Civilização Brasileira, tomo II, vol. 4 (sob a direção de S. Buarque de Holanda), Rio, 1960-1984, p. 323, *in* AUBRÉE, 2009, p. 140)<sup>6</sup>.

Os primeiros espíritas pretendiam desenvolver um espiritismo científico através do estudo das manifestações dos espíritos, buscando sob sua égide, a explicação dos diferentes eventos dos mais simples, como ruídos estranhos, assombrações, aparições, movimentos de objetos, até os processos naturais definidores e determinantes da vida e da morte. Esse estudo

---

<sup>4</sup> Referência ao trabalho do Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani, do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

<sup>5</sup> Marion Aubrée (AUBRÉE-2009, p. 139) menciona esse episódio como sendo em 1895, enquanto Reginaldo Prandi (2012, p 50) menciona o ano de 1865. Outras fontes concordam com Prandi.

<sup>6</sup> O Estado Brasileiro se declarava católico apostólico romano, situação que iria se alterar apenas na Constituição de 1930, quando passa a ser laico.



---

poderia conduzir os investigadores à descoberta de novas leis universais. Desejavam ser espíritas cientistas e filósofos, mas continuarem católicos – como ainda ocorre. Grupos outros se interessavam pela sua parte moral, que embora cristã, não inibia o repúdio da Igreja Católica. Segundo Arribas (2010), diversas foram as perspectivas espiritualistas que surgiram com o espiritismo: “kardecistas, místicos, espíritas puros, roustainguistas<sup>7</sup>, científicos, swedenborguistas<sup>8</sup> entre outros, eram as subdenominações dos diversos agrupamentos que o esposaram, cada qual enfatizando uma de suas facetas.”(ARRIBAS, 2010, p. 95). Assim, os kardecistas estudavam toda a obra de Kardec; os psiquistas e ocultistas se interessavam pelos fenômenos, os espíritas puros se identificavam com a parte filosófica do espiritismo, sem se interessarem pela parte científica, pelo místico ou religioso, enquanto que os espíritas místicos ou religiosos, mais numerosos se interessavam pela moral cristã e assim se aproximavam do lado religioso.

O grupo dos científicos, formado pelos estudiosos dos demais livros de Allan Kardec, no Brasil,

[...] estava exclusivamente preocupado com o que chamava de experiência fenomenológica, sua atenção estava voltada para os *fenômenos* espíritas, ou seja, para as aparições dos espíritos e seus efeitos (materialização, sonambulismo, hipnotismo). Desprezavam a filosofia espírita e principalmente o seu aspecto religioso. (ARRIBAS, 2010, p. 96).

Já o grupo dos que se dedicavam a olhar o espiritismo como filosofia, se encontrava no centro das duas definições (ciência e religião) e não tinha força – simbólica – na disputa pela definição do que era o espiritismo, ou do que não era. Arribas (2010) afirma que o espiritismo filosófico,

[...] talvez por ser o mais tolerante, não investiu pesadamente nesse jogo, assim como fizeram os científicos e os místicos. Além disso, o campo filosófico era bastante precário no Brasil, não chamando o espiritismo a atenção dos quase inexistentes adversários filósofos, diferentemente dos muitos adversários cientistas e católicos. (ARRIBAS, 2010, p. 96).

---

<sup>7</sup> Seguidores de Jean-Baptiste Roustaing (1805-1879) espiritualista contemporâneo de Allan Kardec, autor de *Os Quatro Evangelhos – Espiritismo Cristão ou a Revelação da Revelação*, obra que defende a tese da natureza do corpo fluídico de Jesus Cristo. Segundo ele, Jesus teria sido um agênera.

<sup>8</sup> Emmanuel Swedenborg (1688-1772) filósofo e teólogo suíço defensor e disseminador de muitas noções místicas paralelas inerentes aos cultos cabalísticos herméticos.



---

A primazia do discurso espírita foi disputada entre os diversos grupos e nesta peleja, os cientistas espíritas e os filósofos – enquanto partículas num campo de forças – foram pulverizados pelo espiritismo religioso, através da produção de instrumentos pelos agentes especializados. Assim, o espiritismo se organizava e se adequava à “... transmissão e inculcação de uma doutrina cada vez mais assumidamente ‘doutrina’, ou seja: cada vez mais ‘inventada’ como religião.” (ARRIBAS, 2010, p. 97).

### **Como o espiritismo se transforma em religião**

Na segunda metade do século XIX o intercâmbio franco-brasileiro era expressivo nas mais diversas áreas, tanto dos costumes, quanto do conhecimento. Livros brasileiros eram editados na França e os livros franceses eram trazidos e traduzidos para o português. Essa nova doutrina chega ao Rio de Janeiro.

Ela penetrava nos meios franceses do Rio que entraram naturalmente nas experimentações pregadas pela nova “filosofia”, reavivando assim seus laços de identidade com a mãe-pátria. No entanto, as reuniões tinham caráter discreto e não criaram o vasto movimento de entusiasmo, único capaz de catalisar uma corrente social em torno da “revelação” kardecista. (AUBRÉE, 2009, p 139).

Foi nessa cidade que o espiritismo se assume definitivamente como religião, como um movimento organizado, através da fundação da Sociedade de Estudos Espíritas, do Grupo Confúcio em 1873, cujos objetivos eram a tradução dos livros de Allan Kardec, divulgação da doutrina, propagação da medicina homeopática, tendo como lema o princípio de que *fora da caridade não há salvação*<sup>9</sup>. Atendeu muitas pessoas que buscavam “... no espiritismo a cura para males do corpo, da alma e da vida cotidiana.” (PRANDI, 2012, p. 51).

Em 1884 surge a Federação Espírita Brasileira (FEB) como instituto agregador dos espíritas, reunidos em diferentes grupos e como referência básica das condutas religiosas dos espíritas. Para Aubrée (2009),

Ela correspondia, de fato, a uma necessidade de unificação de um movimento dinâmico, mas ainda difuso, cujos adeptos representavam já um potencial sócio-político relativamente importante em número. Tratava-se de determinar qual seria, dali para frente, o “verdadeiro” conteúdo da doutrina e acabar de uma vez por todas com as tergiversações sobre o caráter religioso

---

<sup>9</sup> Lema que o espiritismo adotou e que norteia as suas ações sociais.



---

ou científico do kardecismo. Os fundadores da Federação se inclinavam, sem nenhuma dúvida, para o primeiro. (AUBRÉE, 2009, p 146).

Pierucci (GAARDER, 2000. P. 314) não considera o espiritismo kardecista como uma religião cristã, e o cita como minoritário no universo religioso brasileiro, embora possua uma expressividade maior dentre outras também não cristãs, como o judaísmo, o budismo, o islã, Hare Krishna, xintoísmo e outros cultos vindos do Japão e da Coreia: Seicho-No-Iê, SokaGakkai, Igreja Messiânica, PerfectLiberty, e etc. Afirma Pierucci:

Fora do campo propriamente cristão, vamos encontrar no Brasil uma infinidade de organizações religiosas, todas, no entanto, bastante minoritárias. Entre elas, as mais bem representadas em termos numéricos são as chamadas religiões de transe (ou de possessão): o espiritismo kardecista, que se propaga principalmente entre as camadas médias urbanas e escolarizadas, e o conjunto multifacetado das religiões afro-brasileiras, também denominadas religiões dos orixás. (GAARDER, 2000. P. 314)

De outro lado, Arribas (2010) afirma que tendo o espiritismo chegado ao Brasil, não como religião, mas como doutrina filosófica e ciência e como essas duas práticas não conseguiram legitimá-lo enquanto tais, precisou então ser – adaptando o neologismo usado pela autora – “religiosificado” para a sua legitimação.

Em uma arena onde já havia um estado de disputas entre forças religiosas múltiplas, a legitimação do espiritismo como religião foi a maneira vitoriosa de viabilizá-lo no Brasil como prática coletiva desenvolvida em uma forma, também esta em desenvolvimento, de agrupamento comunitário religioso. Houve, é verdade, outras tentativas de introduzi-lo sustentavelmente, respeitando outros moldes; mas aqueles que assim o tentaram e para isso trabalharam, não reuniram as mesmas condições – entre as quais uma suficiente carteira de capitais<sup>10</sup> – para o conseguir. (ARRIBAS, 2010, p. 272).

Como as outras formas de legitimação tentadas não prosperaram, segundo a autora, o caminho possível foi a via religiosa e, dessa forma, “venceu a peleja, o espiritismo religioso, representando-se nomeadamente como cristão: ‘espiritismo cristão’. Desde então todo espírita no Brasil se entende como praticante de mais uma religião cristã.” (ARRIBAS, 2010, p. 272- destaques do original). A religião foi então uma das “afinidades eletivas” – como mencionou Max Weber (WEBER, 2013, p.83) – utilizadas pelo espiritismo para se firmar no Brasil.

---

<sup>10</sup> Arribas(2010) refere-se ao *capital simbólico* mencionado por Bourdieu (2010) em *A economia das trocas simbólicas*.



Enquanto Pierucci (GAARDER, 2000) afirma que o espiritismo não é uma religião cristã, Arribas (2010) afirma contrariamente que ele é além de religioso, cristão. Ambos os autores são representantes do pensamento sociológico, e talvez seja necessário buscar nas bases sociológicas as interpretações clássicas para essa definição.

### **E o que é religião?**

Definir religião é um desafio, dada a complexidade desse evento, e o viés que se pretende adotar neste trabalho é a abordagem da religião enquanto fenômeno social. Muitos estudiosos têm-se debruçado sobre o assunto, tentando dissolver os limites entre as disciplinas. Na sociologia, os destaques são Durkheim e Weber. Alexandre Massela afirma que “... a concepção de religião própria dos estudiosos é eivada de pressupostos de ordem teórica e prática.” E que “Durkheim situa-se numa perspectiva afirmativa.” (MASSELA, 2009, p. 159). Durkheim afirmava em 1912 que a ideia de religião é inseparável da de igreja e que a religião é um sistema solidário de crenças.

Chegamos, pois, à seguinte definição: *uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a ela aderem.* O segundo elemento que participa assim de nossa definição não é menos essencial que o primeiro, pois ao mostrar que a ideia de religião é inseparável da ideia de igreja, ele faz pressentir que a religião deve ser uma coisa eminentemente coletiva. (DURKHEIM, 1996, p.32) (Destques do original).

Durkheim afirma que a religião cria signos e práticas que geram afinidades sentimentais entre os indivíduos e promove o surgimento de representações coletivas, fundamentando as classificações – a religião é um fenômeno coletivo, “um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas [...] que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a ela aderem.” (DURKHEIM, 1996, p.320) que embora prescindida de um deus transcendente, necessariamente ela precisa ser dotada de uma moral e de um caráter sagrado. Igreja é então a “comunidade moral” onde se reúnem todos aqueles que aderem a esta ou aquela religião. Uma maneira mais simples de se entender esse termo oriundo do grego “*eklesía*” (assembleia), seria talvez afirmar que “é o conjunto de fiéis ligados pela mesma fé e sujeitos aos mesmos chefes espirituais” (FERREIRA-1986).



---

Enquanto Durkheim vê a religião como um fato coletivo, Weber se posiciona de forma agnóstica (MASSELA, 2009, p. 159) e a define como sendo um estilo de vida. A sociologia de Weber se atomiza no indivíduo, pois é o único que pode dar significado à cultura e como a religião é um campo privilegiado da cultura, o sujeito confere valor tanto a uma como a outra. Quando o indivíduo fomenta seu estilo de vida religioso, interfere nas práticas de conduta de um grupo ou de uma determinada coletividade. Júlia de Souza Rodrigues (2000) afirma que a religião é um caminho para o entendimento de processos culturais mais amplos e entre eles, o desencantamento do mundo e a secularização. Esse estilo de vida religioso próprio, qualquer que seja a religião, que se identifica com a visão de mundo, é fruto de uma ação social orientada de acordo com o comportamento do agente/sujeito, conduzindo no ápice, às representações de mundo. Afirma ainda que Weber referencia a religião a valores passíveis de compreensão racional sociológica, e encobre o desencantamento do mundo, quando as religiões ditas universais – como o protestantismo e o judaísmo – eliminam a magia oriunda dessa prática. Quando o ato mágico some, resta ao indivíduo ser “escolhido” por Deus e essa escolha permite ao sujeito trabalhar e ser bem sucedido nos seus afazeres. Mas para isso é preciso ter uma religião e,

Isso implica dizer que a religião é um estilo de vida ou visão de mundo, fruto de uma ação social, cuja intenção é fomentada pelo sujeito (agente religioso) e, conseqüentemente, interfere na conduta de grupos historicamente determinados, cujas ações se orientam de acordo com a conduta do agente originário, culminando nas representações de mundo, que têm como gênese a própria religião. (RODRIGUES, 2000, p. 129-130).

Essa concepção sociológica de mundo dominante pode ter permitido a outro autor compreender a agência de uma dada orientação religiosa. Bourdieu (1992) ao elaborar seu conceito de campo, afirma que “... Weber encontra os meios de correlacionar o conteúdo do discurso mítico (inclusive sua sintaxe) aos interesses religiosos daqueles que o produzem, que o difundem, e que o recebem...” (BOURDIEU, 1992, p. 32). Se o pecado é uma violação da lei divina, isso é racionalizado de forma que o caráter mágico seja suprimido da religião, para que esta se constitua assim, uma doutrina desenvolvida como fonte de conhecimento com caráter ético e moral. Assim o corpo sacerdotal produziria o simbólico sistematicamente, através de suas práticas e rituais, de forma a tornar mais eficaz e forte a potência material ou simbólica “... possível de ser mobilizada por um grupo ou uma classe, assegurando a



legitimação de tudo que define socialmente este grupo ou esta classe...”(BOURDIEU, 1992, p.45). Mesmo quando não percebido ou invisível o bem simbólico, para Bourdieu é legítimo e eficaz. Considera importante tanto o local onde os bens simbólicos são produzidos, consumidos e assim consagrados, quanto à sua posição no momento de sua produção e reprodução.

Por outro lado, o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a partir do Censo de 2000, inclui a espiritualidade kardecista como uma das opções religiosas. Informa o instituto:

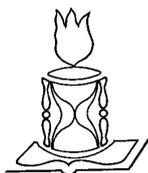
Os resultados do Censo Demográfico 2010 mostram o crescimento da diversidade dos grupos religiosos no Brasil. A proporção de católicos seguiu a tendência de redução observada nas duas décadas anteriores, embora tenha permanecido majoritária. Em paralelo, consolidou-se o crescimento da população evangélica, que passou de 15,4% em 2000 para 22,2% em 2010”. [...] A pesquisa indica também o aumento do total de espíritas...(Fonte IBGE)<sup>11</sup>

Em outro sítio<sup>12</sup> o IBGE detalha as alterações ocorridas entre 1991 e 2010. Apresenta o catolicismo romano indo de 83% em 1991 para 73,6% em 2000 e chegando em 2010 com 64,6% - queda de 18,4%; os pentecostais foram de 3% em 1991 para 10,4% em 2000, chegando em 2010 com 13,3% (mais que quadruplicou). O grupo espírita apresentou crescimento positivo no período, dobrando nessas duas décadas, representando 2% da população, em 2010. Em valores numéricos, o censo de 2010 registra mais de 3.800.000 espíritas. Entre 1970 e 2010, a população espírita dobra em termos percentuais, mas quadruplica em números reais, pois no período, a população passa de 94 milhões para 200 milhões de habitantes. Mas a população real não pode ser captada pelo Censo, uma vez que o órgão faz uma captação de “superfície” de acordo com Faustino Teixeira (TEIXEIRA E MENEZES, 2013, p.10), sendo muito comum ainda, o simpatizante espírita não declarar a sua preferência religiosa, exatamente pelo enraizamento da intolerância religiosa na sociedade brasileira, virose psíquica cujo tratamento ainda se realiza homeopaticamente.

Kardec considera que a palavra *religião* quer dizer *laço* e que “... o verdadeiro objetivo das assembleias religiosas deve ser a *comunhão de pensamentos...*”. No entender de

<sup>11</sup> Fonte: IBGE. <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2170>

<sup>12</sup> <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/0000009352506122012255229285110.pdf>



---

Kardec, “... é um laço que religa os homens numa comunidade de sentimentos, de princípios e de crenças” (KARDEC, 2007A, p. 386-387). Baseado nestas premissas Kardec afirma:

No sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos glorificamos por isto, porque é uma doutrina que funda os elos de fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as mesmas leis da natureza. (KARDEC, 2007A, p. 387)

Mas, Kardec afirma também que o espiritismo não pode ser considerado uma religião enquanto esta palavra for indissociável de culto, “porque não há uma palavra para exprimir duas ideias diferentes, e que, na opinião geral, a religião é inseparável de culto; desperta exclusivamente uma ideia de forma que o Espiritismo não tem” (KARDEC, 2007A, p. 388). Nele não há classe ou casta sacerdotal, hierarquias, cerimônias, rituais, símbolos, vestimentas especiais, cânticos e privilégios nem união com ideias de misticismo. Kardec se nega a usar o termo *religião* como definidor do espiritismo:

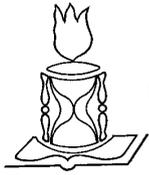
Não tendo o espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião na acepção usual do vocábulo, não podia nem devia enfeitar-se com um título sobre cujo valor inevitavelmente se teria equivocado. Eis porque simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral”. (KARDEC, 2007A, p. 388)

Coerentemente prossegue, “o espiritismo, que se funda no conhecimento de leis até agora incompreendidas, não vem destruir os fatos religiosos, porém sancioná-los dando-lhes uma explicação racional.” (KARDEC, 1990, p. 44). Em *A Gênese* afirma, “do mesmo modo que a ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual” (KARDEC, 2005, p. 17) e mais à frente: “Não é que o *sobrenatural* seja necessário às religiões, mas sim o *princípio espiritual*, que erradamente se confunde com o maravilhoso e, sem o qual não há religião possível.” (KARDEC, 2005, p. 229)<sup>13</sup>. Dessa forma, Kardec define o Espiritismo como uma doutrina filosófica e moral.

Ainda que Kardec afirme que “o espiritismo é, antes de tudo, uma ciência e não se ocupa com questões dogmáticas” [...] e “seu verdadeiro caráter, pois, é o de uma ciência e não de uma religião”, (KARDEC, 1999, p. 89-90), mas no Brasil, ele se legitima como tal e pode ser considerado majoritariamente como religião esteja ele mesclado com a moralidade

---

<sup>13</sup> Destaques do original



---

do cristianismo primitivo ou impregnado de um neocatolicismo espírita que se apresenta como uma classe sociocultural representativa. Para fins desse estudo e no contexto e âmbito que se espraia, o espiritismo é considerado sim com uma religião. E cristã.

### **A plurireligiosidade do brasileiro**

Expressiva parcela da população brasileira declara ser adepta de mais de uma religião. Lísias Negrão analisa as vinculações e “suas afinidades com uma ou mais tradições religiosas, mediante a partilha de suas crenças e adoção de suas práticas” (NEGRÃO, 2009, p.39), detectando a existência de um trânsito permanente e/ou alternado de fiéis – que ele denomina “mutantes” – entre as diversas religiões e, dentre as inúmeras variantes possíveis, Negrão se detém sobre os “dúplices” católicos-espíritas, católicos-protestantes, católicos/afro-brasileiros. Entende o autor que há uma proximidade entre o espiritismo e as afro-brasileiras, apesar das diferenças entre si, dentro do campo religioso. Afirma ainda que o primeiro tem uma procura razoavelmente grande como religião intermediária, ainda que os “os espíritas constituem-se no terceiro maior grupo de exclusivos”. (Idem, p. 44)

Negrão acredita que esse trânsito ou essa multireligiosidade estejam ligados a outros fatores que não somente à própria fé, ou ainda por encontrar em outras religiões rituais ou pressupostos que fortalecem ou complementam suas necessidades religiosas.

Vai-se por curiosidade ou necessidade a outros cultos, procura-se conhecê-los. A passagem por eles, mesmo rápida ou encerrada é julgada como experiência espiritualmente enriquecedora. No caso dos que frequentam missa, volta-se à comunhão, mas nem sempre se confessa ao padre o desvio. Eles sentem-se legitimados pela tradição (por exemplo, acredita-se que o ‘católico pode ir ao pai-de-santo’). Acredita-se na teoria da reencarnação e prefere-se aprofundar os conhecimentos religiosos em literaturas de outras fontes. [...] No limite, forjam a própria religião. (NEGRÃO, 2009, p.53-54)

Esse trânsito, ao ampliar as perspectivas religiosas sobre esta ou aquela religião, pode conduzir o “mutante” ao universo da multiplicidade, proporcionando-lhe maior entendimento sobre as outras religiões, de onde talvez se possa deduzir que esse conhecimento, adquirido numa “participação observante” possa incutir-lhe o sentimento de respeito para com a sua(s) religião(ões) anterior(es) e com as demais. Pensando que aqueles que permanecem no espiritismo, optam por esta religião como sua opção (temporalmente) definitiva, é possível também deduzir que esses fiéis, ao deixarem de ser mutantes, possam



---

aceitar ou tolerar não só as estruturas de sua religião anterior, como também o convívio, agora harmonioso, com os seus ex-pares.

### **Há intolerâncias e tolerâncias no ambiente espírita kardecista?**

Mas essa prática dedutiva, sem um mínimo de fundamentos empíricos, adquire aspectos conjecturais que não encontram espaço neste trabalho. No que tange à intolerância, parece ser esta uma característica, se não de todas, pelo menos da grande maioria das instituições religiosas. Como citamos no início, a defesa de Sócrates relatada por Platão fez-se necessária pela intolerância inicial de uma minoria<sup>14</sup> de seus pares, apoiada no final, por uma maioria dos mesmos. A história relata outras várias situações – como a ação das Cruzadas, a instituição da Inquisição, o episódio conhecido como a Noite de São Bartolomeu, e etc. – que se caracterizaram como práticas (nefastas) de intolerância religiosa. Quanto à tolerância, muito provavelmente ela também se faz presente nas mais diversas religiões, embora a isso não se tenha dado destaque, tanto em pesquisas, quanto em situações de ocorrência dessa prática pelos canais de informação de massa. Nessa linha de raciocínio, pode-se afirmar que na maioria das religiões podem ser encontrados tanto os intolerantes quanto os tolerantes. O que variará entre uma e outra é a quantidade de uns diante da quantidade de outros. A forma empírica de se saber essa quantidade requer a elaboração e execução de pesquisas pontuais nos locais de prática religiosa.

No caso do espiritismo kardecista, a situação pode se assemelhar às demais religiões comportando as duas situações, mas para sabermos se há intolerâncias ou tolerâncias, e em que escala elas se estabelecem, nos seus locais – centros espíritas – de práticas religiosas, de maneira mais eficaz e confiável, é imprescindível a realização de pesquisas qualitativas e quantitativas, que nos possam conduzir ao conhecimento dessa realidade. E o centro espírita kardecista oferece três universos distintos, que se permeiam cotidianamente: o primeiro é o de pessoas que o frequentam como opção religiosa e para lá se dirigem em busca de alívio emocional ou físico para os seus estados psíquicos e de saúde. Recebem nesses locais, através das práticas espíritas (passes energéticos, elucidações evangélicas cristãs, cirurgias espirituais) tratamentos de cura da alma e do corpo, ou seja, são os chamados “assistidos”. O segundo

---

<sup>14</sup>Acerca da influência dos grupos minoritários e de suas ações, sugerimos a leitura da obra de Arjun Appadurai, “O medo ao pequeno número: Ensaio sobre a geografia da raiva”, São Paulo: Iluminuras, 2009.



grupo compreende o universo das pessoas que frequentam o centro espírita na qualidade de estudantes da doutrina, onde buscam aprofundar-se nos ensinamentos dessa religião, e o terceiro, aqueles que estão na condição de trabalhadores voluntários, tendo já completado os cursos necessários para as práticas espíritas e aptos ao seu exercício<sup>15</sup>. Executam os trabalhos de recepcionamento, triagem, encaminhamento, orientações, etc. Tanto o segundo quanto o terceiro grupos usufruem, de tempos em tempos, dos serviços assistenciais oferecidos pelo centro espírita.

Entretanto, o suporte monetário e o tempo necessário – que pode variar entre seis meses a um ano – para a elaboração, realização, coleta e organização dos dados, ordenação e análise, não foram oferecidos a esse trabalho. Mas, talvez exista outra maneira de se verificar a existência dessas práticas nos centros espíritas kardecistas, que não a pesquisa qualitativa, na qual também se possa confiar. Em princípio e o que será apresentado aqui, refere-se a duas principais formas.

A primeira forma alternativa que se apresenta é a da essência do espiritismo, ou seja, em relação a esse assunto, o que o seu codificador, Allan Kardec teria orientado. Encontramos em *O Livro dos Espíritos*, livro 2º, cap. II, acerca da Encarnação dos Espíritos, a postulação do espiritismo como *auxiliar da religião*. Kardec considera que, quando os espíritos voltam para se comunicar e quando eles nos contam a sua situação e porque assim se encontram, em nada ferem ou ofendem as religiões, uma vez que elas concordam que a vida espiritual é eterna.

Graças às comunicações espíritas, isto [a volta dos espíritos] não é mais uma presunção, uma probabilidade sobre a qual cada um pinta à vontade, que os poetas embelezam com suas ficções ou enfeitam de imagens alegóricas, que nos seduzem. É a realidade que nos mostra a sua face, porque são os próprios seres do além-túmulo que nos veem contar a sua situação, dizer-nos que fazem, permitir-nos assistir, por assim dizer, a todas as peripécias da sua nova vida, e, por esse meio, nos mostram a sorte inevitável que nos está reservada, segundo os nossos méritos ou os nossos delitos. Há nisso alguma coisa de antirreligioso? Bem pelo contrário, pois os incrédulos aí encontram a fé, e os tíbios uma renovação do fervor e da consciência. *O Espiritismo é o mais poderoso auxiliar da religião*. E se assim acontece é porque Deus o permite, e o permite para reanimar nossas esperanças

---

<sup>15</sup>Como já mencionado, não há hierarquia religiosa no espiritismo kardecista, tal como existem em outras instituições religiosas. Assim, todos aqueles que concluem os cursos recebem orientações e autorizações para realizarem as práticas espíritas.



---

vacilantes e nos conduzir ao caminho do bem, pelas perspectivas do futuro. (Kardec, 2010, p. 98) (Destaque nosso).

Além dessa orientação, há outras assertivas espalhadas pela obra kardeciana, que nos permitem considerar melhor essa perspectiva de tolerância. Em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, no seu capítulo 6, “O Cristo consolador”, item 5: “Espíritas, amai-vos, eis o primeiro mandamento; instruí-vos, eis o segundo. Todas as verdades se encontram no Cristianismo; os erros que nele se enraizaram são de origem humana...” (Kardec 2007, p. 101). Na mesma obra, cap. 17, item 4: “O Espiritismo não cria uma nova moral, mas facilita aos homens a compreensão e a prática da moral do Cristo, ao dar uma fé sólida e esclarecida aos que duvidam ou vacilam.” (idem, p. 224). Se o espiritismo adota a moral cristã, não pode fugir à suas orientações, em especial a que institui o “amar ao próximo como a si mesmo” ou, em outras palavras, fazer ao próximo o que se deseja para si.

A segunda forma alternativa à pesquisa, nos âmbitos das práticas espíritas, seria também se verificar junto à essência das instituições kardecistas. Podemos entender que a essência de uma religião está em seus objetivos e estes estão explícitos em seus estatutos ou regimentos. A religião no Brasil é institucionalizada, isto é, é uma organização estabelecida em consonância com a legislação que ordena e regulamenta o exercício das atividades, enquanto personalidade jurídica, o que nos leva a crer que não há uma religião individualizada. Neste ordenamento, exige-se a emissão e posse de estatutos onde a instituição é identificada e os seus objetivos, direção, formas de atuação, direitos e deveres, impedimentos, e uma série de outros requisitos estão detalhadamente especificados. Todo centro espírita kardecista deve estar constituído segundo a legislação local e do país e, portanto, deve ter o seu estatuto devidamente registrado e autorizado. Tivemos a permissão de acessar e divulgar partes do estatuto de três centros espíritas kardecistas na zona sul da cidade de São Paulo-SP.

O primeiro, fundado em 1980, está sediado no bairro de Santo Amaro, à Rua Capellen, 36 e tem por denominação “Grupo de Estudos Espíritas Bezerra de Menezes - GEEBEM”, e se apresenta como “uma sociedade de caráter científico, filosófico e religioso...”, (GEEBEM, 2006, art. 1º) tendo como finalidade “estudo, a prática e a difusão do Espiritismo, no seu tríplice aspecto - religioso, filosófico e científico...” (Idem art. 2º, Inciso I), visando “o progresso moral e espiritual do homem” (Idem, Inciso II) e para isso se propõe:



Criar, manter e incentivar instituições e serviços assistenciais de amparo e reajustamento dos necessitados em geral, *sem qualquer distinção quanto aos assistidos*, em consonância com o princípio espírita-cristão que preconiza, no exercício de assistência espiritual e social, o melhor meio para que o homem aprimore os sentimentos de amor e solidariedade, *testemunhando a vivência do Evangelho em Cristo, amando o próximo e ajudando-o a superar suas vicissitudes, realizando o lema de Allan Kardec: "Fora da caridade não há salvação"*. (GEEBEM, 2006, art. 2º, inciso III) (Destaques nossos)

Mais à frente na seção “Das disposições gerais e transitórias” o documento determina:

ARTIGO 46 - O usufruto dos órgãos de assistência da sociedade *independe* da qualidade de sócio, sexo, classe, raça, nacionalidade, cor, política ou religião.

ARTIGO 47 - A sociedade *veda o ataque a qualquer religião*, crença ou doutrina, ressalvada a liberdade de crítica construtiva e de defesa em linguagem respeitosa. (GEEBEM, 2006) (destaques nossos).

O segundo, fundado em 1956, está sediado no bairro de Interlagos, a Rua Leonor Alvim, 282 e tem por denominação atual “Recanto de Interlagos” – a denominação anterior era Templo do Cristianismo Espírita – e se apresenta como “associação civil, sem fins lucrativos, de natureza filantrópica, sem vínculo político-partidário”, (RECANTO, 2007, art. 1º) tendo por objetivo, entre outros “o aperfeiçoamento moral, intelectual, educacional, físico e social de seus associados, colaboradores e assistidos, e de quaisquer pessoas necessitadas” (Idem, art. 2º, inciso II). Mas, a parte que nos interessa está em seu art. 3º, onde muito claramente especifica “No desenvolvimento de suas atividades, o Recanto de Interlagos não fará distinção alguma quanto à raça, cor, sexo, condição social, credo político ou *religioso*” (RECANTO, 2007) (Destaque nosso).

O terceiro, fundado em 1976, está localizado a Rua Ribeiro do Vale, 129, bairro Brooklin, tendo por denominação Centro Espírita Irmão Alfredo, se apresenta como “associação civil, religiosa e filantrópica sem fins lucrativos” (CEIA, 2003, art. 1º) cujos objetivos são

I - O estudo, a prática e a divulgação da doutrina espírita como religião, filosofia e ciência, nos moldes da Codificação de Allan Kardec e segundo os programas da Aliança Espírita Evangélica, contidos no Livro “Vivência do Espiritismo Religioso”;

II - A evangelização do ser humano, conforme preceitua “O Evangelho Segundo o Espiritismo”;



---

III - A atuação na área de assistência social, a prática da caridade como dever social e princípio da moral cristã e como exercício pleno da solidariedade e respeito ao próximo. (CEIA, 2003, art. 2º)

Embora não expresse explicitamente a prática não discriminatória, o CEIA afirma ter como finalidade “a evangelização do ser humano conforme preceitua ‘O Evangelho Segundo o Espiritismo’” tendo na “prática da caridade um dever social e princípio da moral cristã, e como exercício pleno da solidariedade e respeito ao próximo” (idem, destaques nossos). Se credita sua ação pautada na moral cristã e no respeito ao próximo, não só podemos, como devemos entender que nesta instituição, assim como nas outras duas citadas acima, também há a determinação do respeito às demais religiões, o que se pode caracterizar como tolerância religiosa.

### **Conclusão**

Diante do conteúdo doutrinário citado e das partes das documentações expostas e, considerando que esses instrumentos institucionais representam os ideais praticados nestas organizações, entendemos ser possível postular – ainda que no nível estatutário – que, nos ambientes de práticas do espiritismo (centros espíritas) kardecista é possível encontrar situações de tolerância religiosa para com outras religiões ou seus seguidores. Nos evangelhos encontramos orientações que ensinam que preconizar algo e não fazer ou agir de forma contráriasão ações consideradas hipócritas pela moral cristã

Os escribas e fariseus estão sentados na cátedra de Moisés. Portanto, fazei e observai tudo quanto vos disserem. Mas não imiteis suas ações, pois dizem, mas não fazem. Amarram fardos pesados e os põem sobre os ombros dos homens, mas eles mesmos nem com um dedo se dispõem a movê-los. Mt 23 1:4(BÍBLIA, 2002, p.1744)

Pode ser que existam práticas de intolerância religiosa nesses ambientes, mas se isso ocorre, são situações que podem estar ligadas muito mais aos posicionamentos individuais e por razões pessoais de seus praticantes, do que às orientações doutrinárias e institucionais do espiritismo kardecista. Se doutrinariamente e institucionalmente a orientação é o exercício do respeito e, por extensão, a da tolerância, resta saber se isso se confirma na prática, campo onde a teoria costuma ser diferente.



---

A constatação dessas situações de tolerância e de intolerância no cotidiano desses ambientes, em termos qualitativo e quantitativo só pode vir a lume em toda a sua realidade mediante pesquisas nestes locais, mas esta forma fica relegada a uma futura ocasião, onde haja possibilidade de maior tempo e apoios estruturais. Deixamos em aberto a questão: os frequentadores – assistidos, estudantes e trabalhadores voluntários – dos centros espíritas kardecistas são tolerantes para com outras religiões e seus frequentadores?

### Referências

ARRIBAS, C. G. *Afinal, espiritismo é religião? A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira*. São Paulo: Alameda, 2010.

AUBRÉE, Marion, LAPLANTINE, François. *A mesa, o livro e os espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento espírita entre França e Brasil*. Maceió: EDUFAL, 2009.

BÍBLIA. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992

CARVALHO, José Sérgio. Palestra proferida na FEUSP, s/data.

CEIA. Centro Espírita Irmão Alfredo: Estatutos Consolidados. São Paulo: CEIA, 2003.

CONCEIÇÃO FERNANDES, Paulo César da. *As Origens do Espiritismo no Brasil: Razão, Cultura e Resistência no Início de uma Experiência (1850-1914)*. Dissertação de Mestrado. Brasília, DF: UnB, 2008.

DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa – O sistema totêmico na Austrália*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*, 2ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GAARDER, Jostein. *O Livro das Religiões*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2000.

GEEBEM. Grupo de Estudos Espíritas Bezerra de Menezes – *Geebem, Estatutos consolidados*. *Geebem*, São Paulo, 2006.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Trad. J. Herculano Pires. São Paulo. LAKE, 2010

\_\_\_\_\_. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Trad. J. Herculano Pires, Lake, 2007

\_\_\_\_\_. *A Gênese*. Trad. Victor Tollendal Pacheco 22ª Edição. São Paulo: LAKE, 2005.

\_\_\_\_\_. *Obras Póstumas*. Trad. Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB, 1990.

\_\_\_\_\_. *O Que é o Espiritismo*. Trad. Salvador Gentile. Araras. IDE, 1999.



\_\_\_\_\_. *Revista Espírita Jornal de Assuntos Psicológicos*. 1868. Traduzida por Júlio Abreu Filho. Sobradinho DF: EDICEL, 2007A.

MARX, K. *O Capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital*. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013

MASSELA, Alexandre Braga. *Durkheim: 150 anos*. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

NEGRÃO, Lísias Nogueira (org). *Novas tramas do sagrado: Trajetórias e Multiplicidades*. São Paulo: Edusp, Fapesp, 2009

PRANDI, Reginaldo. *Os mortos e os vivos: uma introdução ao espiritismo*. São Paulo: Três Fronteiras, 2012.

RECANTO DE INTERLAGOS. *Estatutos Sociais Consolidados*. São Paulo: Recanto, 2007.

RODRIGUES, Júlia Maria de Souza. *Max Weber: Uma leitura da sociologia da religião*. Dissertação de Mestrado. IFCH-Unicamp. Campinas-SP: --, 2000

SILVA, V. G. da (org). *Intolerância religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no Campo Religioso Afro-brasileiro*. Ari Pedro Oro ...et all. São Paulo: Edusp, 2007.

TEIXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (orgs.). *Religiões em Movimento*. Petrópolis: Vozes, 2013.

VOLTAIRE (François Marie Arouet). *Tratado sobre a Tolerância: a propósito da morte de Jean Calas*. Trad. Paulo Neves, 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WANTUIL, Zêus. *Grandes Espíritos do Brasil*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: FEB, 1969.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Cia das Letras, (Edição revisada) 2013.

Sites da Internet.

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000009352506122012255229285110.pdf>

<http://www.hottopos.com/videtur15/zesg.htm> 20/10/2014 - 14h31